

estudos  
**DEPLAN**



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL

# ESTUDOS DEPLAN

*Nº 02/2010*

Apontamentos para uma agenda de desenvolvimento  
da economia gaúcha



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

**GOVERNADORA**  
**YEDA RORATO CRUSIUS**

**SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO**

SECRETÁRIO: José Alfredo Pezzi Parode

SECRETÁRIO ADJUNTO: Alexandre Alves Porsse

**DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL**

DIRETORA: Rejane Maria Alievi

DIRETORA ADJUNTA: Carla Giane Soares da Cunha

**EQUIPE EDITORIAL**

Antonio Paulo Cargnin

Laurie Fofonka Cunha

Maria Lúcia Leitão de Carvalho

Rubens Soares de Lima

Suzana Beatriz de Oliveira

**EQUIPE TÉCNICA**

REVISÃO: Maria Lúcia Leitão de Carvalho, Marlise Margô Henrich, Vera Helena da Fonseca

DIAGRAMAÇÃO: Irmgard Penz

**CAPA**

Marco Antonio Spassal Penha

As opiniões nesta publicação são de exclusiva responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o posicionamento da SEPLAG.

É permitida a reprodução dos artigos publicados pela revista, desde que citada a fonte. São proibidas as reproduções para fins comerciais.

Toda correspondência para esta publicação deverá ser endereçada para:

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO – SEPLAG / DEPLAN

Revista **Estudos DEPLAN**

AV. Borges de Medeiros, 1501 / 9º andar – Porto Alegre, RS – CEP 90119-900

Fone: (51) 3288-1543 – FAX: (51) 3288-1546 Email: [deplan@seplag.rs.gov.br](mailto:deplan@seplag.rs.gov.br)

Homepage: [www.seplag.rs.gov.br](http://www.seplag.rs.gov.br)

## MUDANÇAS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL E IMPACTOS SOBRE AS EXPORTAÇÕES GAÚCHAS

Diego Milanesi\*

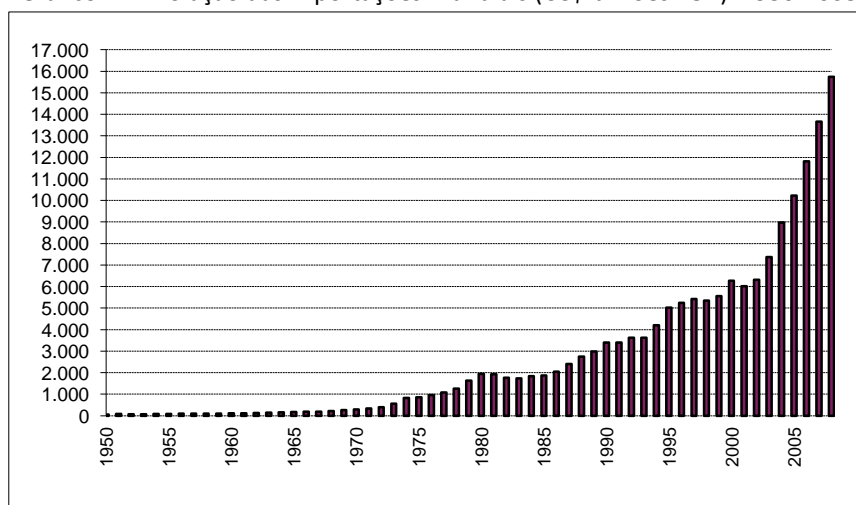
Os anos recentes foram marcados pelo aumento da participação dos países emergentes e em desenvolvimento no PIB mundial. Conforme dados do *World Economic Outlook* (WEO), do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB mundial elevou-se a uma média anual de 4,2% entre 2002 e 2008, tendo sido de 2,2% a taxa de crescimento para as economias avançadas e 7% para as economias emergentes e em desenvolvimento.

Paralelamente ao ganho de participação dos países emergentes e em desenvolvimento no PIB mundial, cresceu a participação desse grupo no volume de bens comercializados internacionalmente. As exportações mundiais cresceram a uma média de 6,7% ao ano, entre 2002 e 2008, com aumento de 5,6% para as economias avançadas e 9,4% para as economias emergentes e em desenvolvimento. O volume importado mundialmente, por sua vez, expandiu-se a uma taxa média de 7% ao ano, sendo 5,5% o crescimento nas economias avançadas e 11,2% nos países de economias emergentes e em desenvolvimento.

A crise financeira que eclodiu em setembro de 2008 afetou severamente o comércio internacional no último trimestre daquele ano e durante todo o ano seguinte. O PIB mundial retraiu-se 0,6% em 2009, com redução de mais de 11% no comércio internacional. As economias avançadas apresentaram retrações de 13,8% nas exportações e 13,6% nas importações de bens, enquanto as economias emergentes e em desenvolvimento apresentaram quedas menos severas, de 8,5% e 9,3% para exportações e importações de bens, respectivamente.

As projeções do WEO/FMI para 2010 e 2011 evidenciam a perspectiva de retomada da economia mundial no pós-crise, com manutenção de taxas de crescimento do PIB superiores para os países emergentes e em desenvolvimento. Da mesma forma, o volume de bens transacionados por esse grupo deverá expandir-se em um patamar mais consistente do que aquele a ser observado para os países desenvolvidos, mantendo-se, assim, a tendência de aumento da participação das economias emergentes e em desenvolvimento nas exportações e importações mundiais de bens

Gráfico 1 – Evolução das Exportações Mundiais (US\$ bilhões FOB): 1950-2008



Fonte: Organização Mundial do Comércio - OMC. Elaboração: SECEX/MDIC.

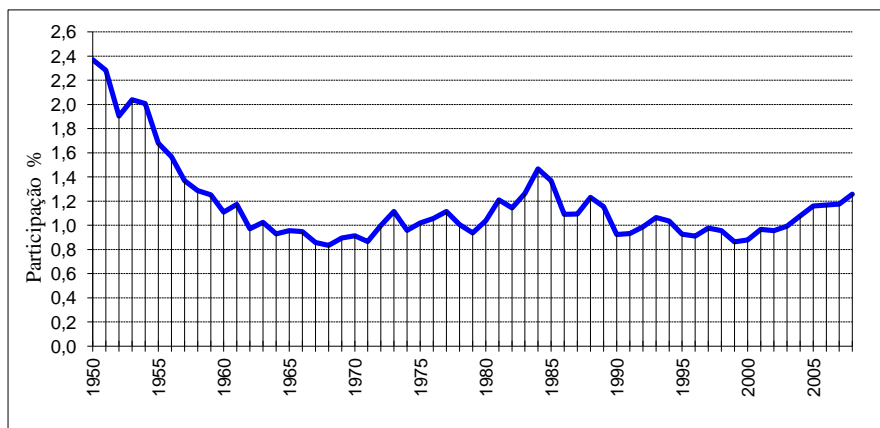
\* Economista e Analista de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEPLAG/RS)

## 1 Trajetória recente das exportações brasileiras

Os primeiros anos do Plano Real trouxeram um contexto desfavorável às exportações brasileiras. O combate à inflação através da Âncora Cambial, política que mantinha o Real valorizado frente ao Dólar para incentivar a entrada de produtos estrangeiros mais baratos, prejudicou a competitividade dos produtos brasileiros no exterior.

Em janeiro de 1999, a maxidesvalorização do Real põe fim à Âncora Cambial. A cotação média do dólar, que fora de R\$ 1,16/US\$ em 1998, sobe para R\$ 1,82/US\$ em 1999, recuperando a competitividade das exportações brasileiras. A partir de então, iniciou-se um processo de expansão e de ganho de participação das exportações brasileiras no mercado internacional, retomando o patamar atingido em décadas anteriores.

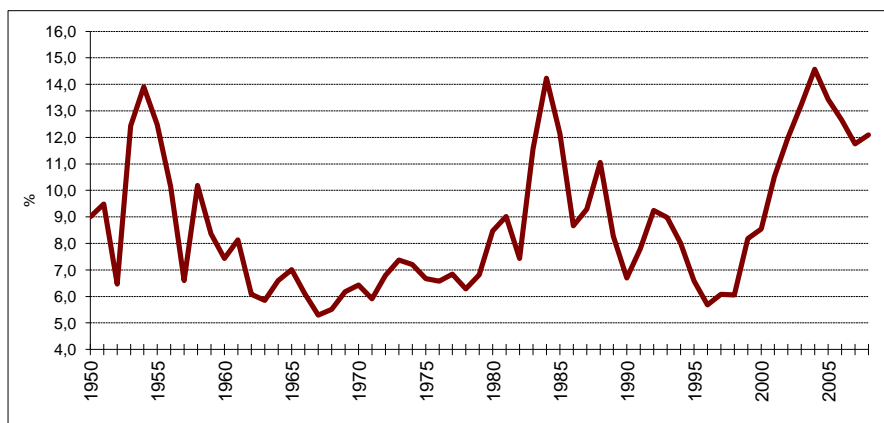
Gráfico 2 – Participação do Brasil nas Exportações Mundiais: 1950 a 2008



Fonte: SECEX/MDIC, OMC. Elaboração: SECEX/MDIC.

Paralelamente ao aumento da importância das exportações brasileiras no comércio internacional, cresceu a participação dos setores exportadores na geração nacional de riqueza. Em 1998, último ano de vigência da Âncora Cambial, as exportações representavam algo em torno de 6% do PIB do Brasil. Posteriormente, observa-se um contínuo ganho de participação do setor exportador até 2004, em que o patamar de 14,5% representa um pico histórico. Nos anos seguintes, essa participação voltou a decrescer, em grande parte devido à apreciação do Real no mercado cambial.

Gráfico 3 – Participação das Exportações no PIB Brasileiro: 1950 a 2008

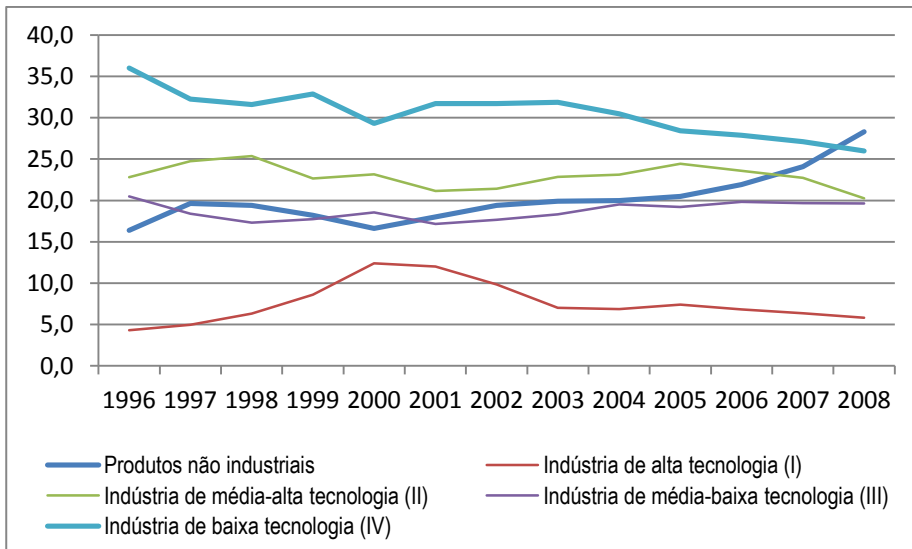


Fonte: SECEX/MDIC, BACEN. Elaboração: SECEX/MDIC.

No que diz respeito à composição da pauta de exportações brasileiras, essa foi fortemente afetada pela ascensão chinesa no mercado internacional. A China entrou para a Organização Mundial do Comércio no fim de 2001, e, já no ano seguinte, as exportações brasileiras dão um salto, com destaque para *commodities* como soja e minério de ferro. Caracteriza-se, assim, uma mudança na estrutura da pauta, mais orientada para produtos de baixa intensidade tecnológica. Esse fenômeno vem sustentando o saldo positivo na Balança

Comercial brasileira, que se manteve superavitária nos últimos anos, apesar do impacto positivo da elevação da renda interna nas importações.

Gráfico 4 – Exportação Brasileira dos Setores Industriais por Intensidade Tecnológica: 1996-2008 (\*)



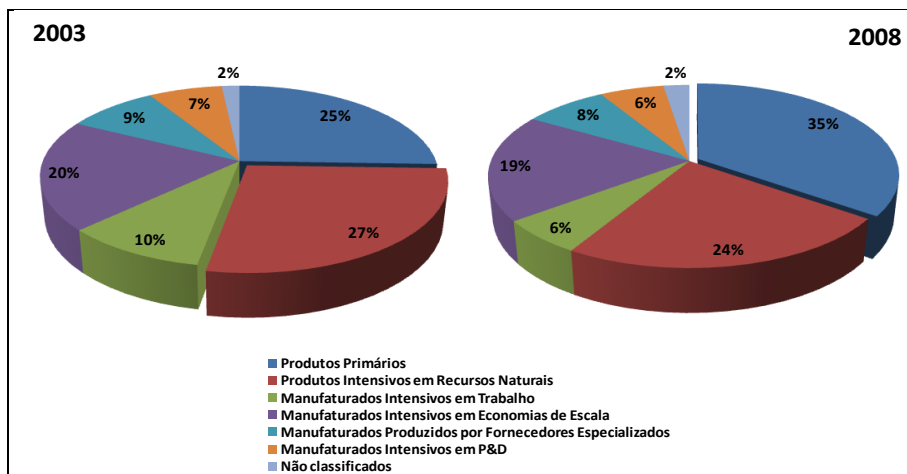
(\*) Classificação extraída de: OECD, Directorate for Science, Technology and Industry, STAN Indicators, 2003. Fonte: Secex/MDIC.

O Gráfico 4 mostra um ganho de participação dos produtos não-industrializados nas exportações brasileiras a partir de 2000. A participação do segmento foi de 16,6% naquele ano, elevando-se continuamente até atingir 28,3% do total exportado em 2008.

Na direção oposta vai a indústria de alta tecnologia – aeronáutica e aeroespacial; farmacêutica; material de escritório e informática; equipamentos de rádio, TV e comunicação; instrumentos médicos de ótica e precisão. O setor, que representava 12,4% das exportações em 2000, encerra 2008 com participação de apenas 5,8%.

Outra forma de classificar os bens exportados concentra-se na análise dos fatores que afetam a competitividade das empresas: recursos naturais, trabalho, escala, diferenciação de produto e ciência. Com base nessa classificação, o Gráfico 5 traz um corte diferente das exportações brasileiras.

Gráfico 5 – Exportações Brasileiras por Fator de Competitividade: 2003 e 2008



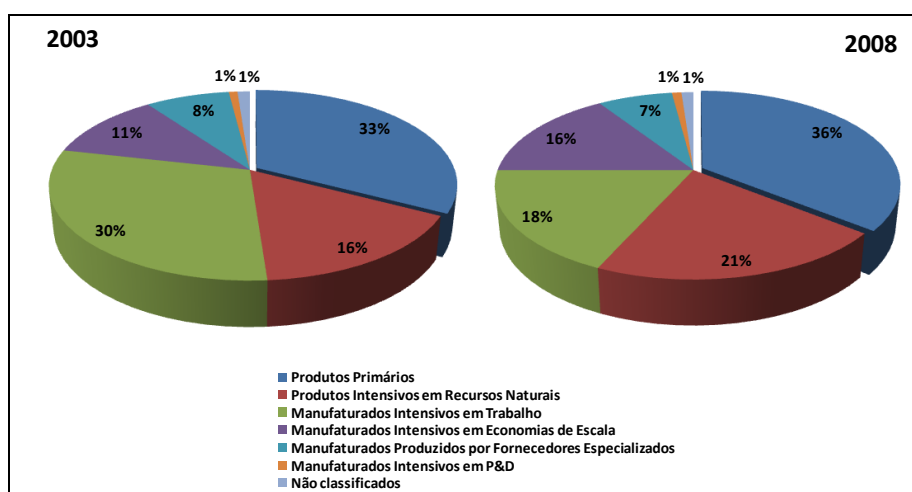
Fonte: AliceWeb/MDIC; Elaboração Apex/MDIC.

## 2 Análise das exportações do Rio Grande do Sul

Feitas considerações gerais acerca das mudanças observadas nas exportações brasileiras nos últimos anos, parte-se para a análise detalhada do movimento das exportações do Rio Grande do Sul e das perspectivas para o setor nos próximos anos.

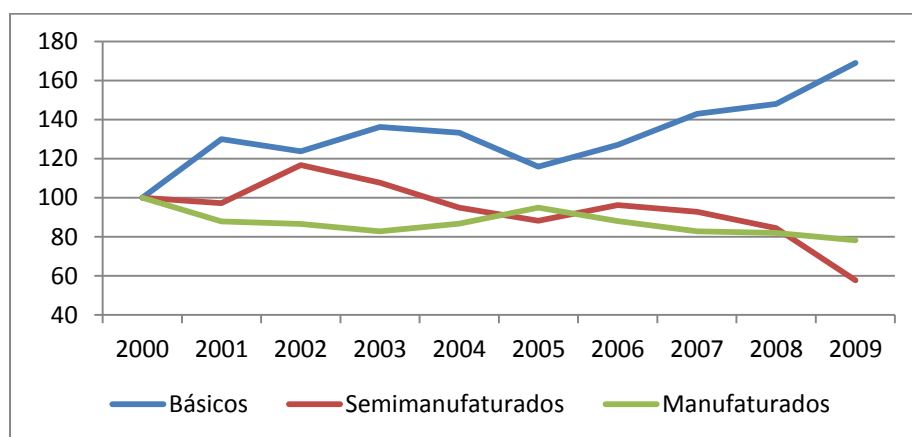
Assim como ocorreu no caso brasileiro, a pauta de exportações gaúchas foi estruturalmente alterada pela ascensão da China no mercado internacional. O apetite do gigante asiático por *commodities* agrícolas contribuiu para a “primarização” das exportações gaúchas, que perderam em valor agregado e intensidade tecnológica. Os gráficos a seguir ilustram esse movimento.

Gráfico 6 – Exportações do Rio Grande de Sul por Fator de Competitividade: 2003 e 2008



Fonte: AliceWeb/MDIC; Elaboração Apex/MDIC.

Gráfico 7 – Composição das Exportações do Rio Grande do Sul por Fator Agregado: 2000-2009. Índice: 2000 = 100



Fonte: Secex/MDIC.

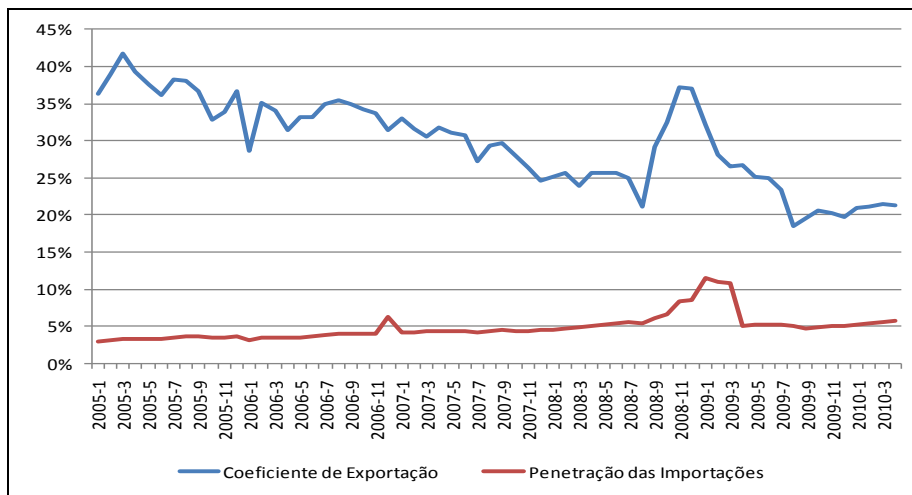
Os setores exportadores de produtos intensivos em trabalho vêm sofrendo com a falta de competitividade no mercado internacional frente aos produtos asiáticos, principalmente os chineses. Nesse sentido, as exportações gaúchas do segmento apresentam deslocamento superior ao observado para o restante do Brasil entre 2003 e 2008, tendo a indústria calçadista o maior peso nessa retração.

A falta de competitividade do calçado gaúcho no mercado internacional resultou no direcionamento das vendas para o mercado brasileiro. Desse modo, a participação da indústria calçadista na pauta de exportações do Estado, que atingia 15% em 2003, caiu para 7% em 2008.

O Gráfico 8 ilustra a perda de competitividade da indústria calçadista brasileira no mercado internacional. Em janeiro de 2005, as empresas brasileiras destinavam em torno de 36% da produção ao mercado externo. Desde então, o produto nacional vem perdendo mercado para o similar asiático, encontrando no exterior comprador para apenas 20% da produção ao fim de 2009.

Por outro lado, observa-se que os calçadistas brasileiros vêm obtendo sucesso na manutenção de sua posição no mercado interno, em que o produto asiático não chega com tanta competitividade. Grande parte disso se deve à atuação do Governo Federal, que elevou as barreiras tarifárias contra o calçado chinês.

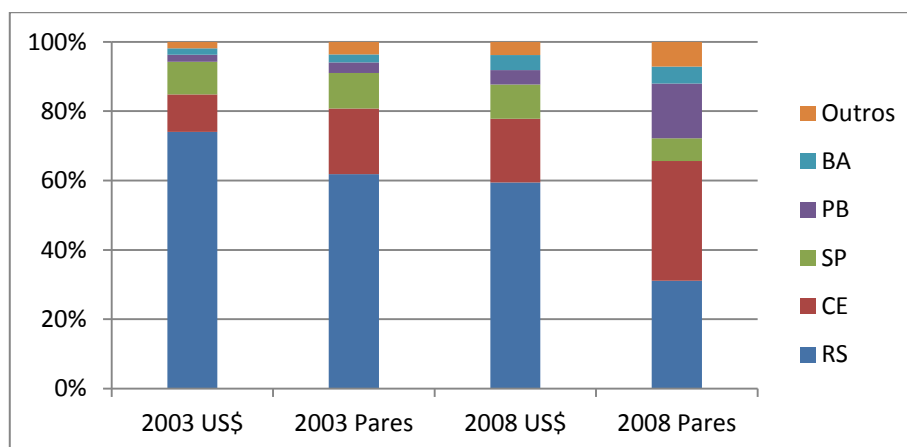
Gráfico 8 – Coeficientes de Exportações e Penetração das Importações de Calçados



Fonte: IGBE/MDIC. Elaboração: APEX/MDIC.

Mais preocupante que a perda de participação do calçado brasileiro no mercado internacional é a redução da representatividade do calçado gaúcho nas exportações do País. Em 2003, o Rio Grande do Sul respondia por 74% do valor e por 62% do *quantum* exportado pelo Brasil. Já em 2008, essas participações caíram para 59% e 31%, respectivamente. Apesar de o Estado continuar líder absoluto no Brasil em termos de valor exportado, perdeu a liderança no quesito quantidade para o Ceará, que exportou 35% dos pares de calçados brasileiros em 2008.

Gráfico 9 – Participação nas Exportações Brasileiras de Calçados: 2003 e 2008



Fonte: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS).

Os dados apresentados permitem uma importante observação acerca da diferença entre o preço médio do calçado exportado pelo Rio Grande do Sul e o do calçado exportado pelos concorrentes nacionais. Em 2003, o preço médio do par exportado pelo Estado foi de US\$ 9,83, enquanto a média nacional foi de US\$ 8,21. Em 2008, o preço do par gaúcho atingiu US\$ 21,71, ante uma média nacional de US\$ 11,35.



Esse aumento de preços reflete uma tendência para a indústria gaúcha. Sem condições de concorrer em mercados sensíveis a preço, os calçadistas do Estado têm focado na agregação de valor e na diferenciação de produto para conquistar nichos de mercado mais exigentes, como o europeu. Para isso, o Rio Grande do Sul conta com mão de obra altamente qualificada e tradição de muitas décadas no mercado, permitindo a exportação de calçados cada vez mais sofisticados e de alto valor unitário, principalmente botas femininas, maior especialidade gaúcha. Esse tipo de calçado é comprado inclusive pela China, uma vez que o crescimento da renda no país asiático permitiu que as mulheres chinesas se tornassem consumidoras de produtos de grife.

Os esforços de *marketing* de organismos como ApexBrasil, ABICALÇADOS e SEBRAE tornaram cativa a presença do *Brazilian Footwear* nas feiras globais ligadas à moda, como GDS (*International Event for Shoes & Accessories* – realizada na cidade alemã de Düsseldorf) e MICAM (Feira do Calçado de Milão), atraindo importadores do mundo todo. As empresas brasileiras evoluíram nos processos de produção e *design*, e é fundamental a presença em eventos desse porte para divulgar e comprovar essas mudanças junto ao mercado internacional.

Outro setor intensivo em trabalho historicamente presente na pauta de exportações do Rio Grande do Sul é o moveleiro. Conforme dados da Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), existem 2.700 indústrias do setor no Estado, das quais 86% produzem móveis de madeira. O setor é composto principalmente por empresas pequenas e médias, e emprega aproximadamente 39 mil pessoas.

Assim como ocorreu com o calçado, a indústria moveleira perdeu participação na pauta de exportações do Estado, reduzindo-se de 2%, em 2003 para 1,4%, em 2008. Entretanto, diferentemente do setor calçadista, o mobiliário gaúcho ganhou participação nas exportações nacionais, respondendo por 34% do montante de 2008, contra 28% em 2003. Grande parte desse aumento deve-se à estagnação das exportações moveleiras catarinenses, que respondiam por 57% do total em 2003 e fecharam 2008 com participação de apenas 40%. As exportações gaúchas em dólar subiram 64% no período, enquanto as catarinenses caíram em torno de 5%.

No que diz respeito ao destino das exportações moveleiras gaúchas, observam-se importantes alterações entre as pautas de 2003 e 2008. No início da série, o principal mercado estrangeiro era a União Europeia, com participação de 36%, seguida dos EUA, com 27%, e América Latina, com 25%. Em 2008, a participação da América Latina já atinge 49%, tendo a da União Europeia caído para 27%. As vendas para os EUA apresentam a variação mais drástica: o valor exportado em dólares despencou quase 60%, e a participação americana nas exportações moveleiras gaúchas reduziu-se a 7%.

Em virtude da falta de competitividade da indústria moveleira gaúcha nos mercados sensíveis a preço, em que os móveis de estados como Minas Gerais apresentam produtos mais atrativos, o setor tem buscado recuperação através de inovação, incrementos de qualidade e canais diferenciados de venda com esforços de *marketing*. Assim, segundo dados da MOVERGS, o Rio Grande do Sul apresenta o maior número de empresas com lojas exclusivas, distribuídas em todo o País e no exterior, com mais de 2.800 estabelecimentos.

Diferentemente do cenário desafiador encontrado no exterior pelos produtos intensivos em trabalho, as perspectivas para os setores ligados ao agronegócio são mais otimistas. As altas taxas de crescimento apresentadas pelas economias de países emergentes representam o acréscimo de milhões de pessoas no mercado de trabalho, aumentando a demanda mundial por alimentos.

Nesse contexto, o Brasil consolidou-se como *player* mundial na produção e exportação de alimentos, sendo os produtos do complexo soja os mais relevantes nessa pauta. O País encerrou 2008 como o segundo maior exportador do grão e de seus subprodutos, com 26% do valor comercializado no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, que detiveram uma parcela de 29%. A posição brasileira, entretanto, é ameaçada pela Argentina, que representou 25% do total exportado no mundo em 2008.

Tabela 1 – Posição do Brasil no Agronegócio Mundial em 2009

Produto	Produção	Exportação	Destinos	% Comércio Mundial
Café em grãos	1°	1°	81	28%
Suco de laranja	1°	1°	75	86%

Carne bovina	2º	1º	142	25%
Açúcar	1º	1º	124	47%
Complexo soja	2º	2º	46	32%
Carne de frango	3º	1º	146	41%
Milho	4º	3º	49	9%

Fonte: USDA, PSD e Mapa. Extraído de Informe BB – Comércio Exterior.

As exportações brasileiras do complexo soja apresentaram crescimento médio de 17% ao ano no período 2003-2008, enquanto o crescimento médio das exportações totais foi de 22% ao ano, resultando na perda de participação da soja na pauta brasileira. Na pauta gaúcha, a participação da soja caiu de aproximadamente 14%, em 2003, para 12,5%, em 2008. Importante ressaltar que ocorreu forte oscilação no período, acompanhando a irregularidade das safras no Estado. Exemplo disso é a estiagem de 2005, quando a participação da soja na pauta de exportações do Estado foi inferior a 3%.

As exportações gaúchas do complexo soja caracterizam-se pela “primarização”, com alta participação da soja *in natura*, em detrimento dos produtos mais elaborados, como farelo e óleo. Além disso, destaca-se a ascensão da China como principal destino da soja brasileira e gaúcha no exterior. A participação chinesa nas exportações gaúchas do segmento subiu de 20% em 2005, para 42% em 2008.

A primarização das exportações do segmento e o aumento da importância da China estão relacionados. O governo chinês vem implementando uma série de incentivos para que as indústrias de beneficiamento do grão lá se instalem, com o intuito de trazer a agregação de valor para dentro do seu território. Nesse sentido, o Rio Grande do Sul e o Brasil devem pensar em estratégias para agregar valor aos produtos agrícolas exportados, estancando o vazamento da riqueza para o exterior. Para o Rio Grande do Sul, isso é ainda mais imperativo, uma vez que a fronteira agrícola do Estado está perto do limite, e não há perspectivas de grandes aumentos no *quantum* exportado.

Outro entrave enfrentado pela soja brasileira no exterior são as barreiras não-tarifárias. Apesar de os principais mercados mundiais serem abertos à soja brasileira, União Europeia e Japão mantêm um elevado número de restrições sanitárias contra as importações desses produtos. Essas restrições aumentam a importância da Ásia para o segmento, uma vez que o bloco não possui esse tipo de barreira.

Um segmento agropecuário que se apresenta com forte potencial exportador para os próximos anos no Rio Grande do Sul é o frangueiro, particularmente no que diz respeito à carne de frango *in natura*. O Brasil é o maior exportador mundial do produto, respondendo por 34% do total exportado em 2008, bem à frente dos Estados Unidos, segundo no mercado, com fatia de 22%.

Entre 2003 e 2008, as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram crescimento médio de 28% ao ano, resultando na elevação da participação do segmento na pauta do País. Na pauta gaúcha, o frango também ganhou participação, atingindo 6,8% do total exportado em 2008, contra 5,9% em 2003. A maior parte desse crescimento atribui-se ao aumento do preço do produto no mercado internacional. O crescimento do volume de carne de frango exportado pelo Estado entre 2003 e 2008 foi de 5,5% ao ano, para um aumento de preços de 15% (em Dólar).

Dados do IBGE referentes ao ano de 2008 apontam o Rio Grande do Sul como detentor do quarto maior efetivo de galináceos do País, com participação de 11,7% sobre o total, atrás de Paraná, São Paulo e Santa Catarina, com 19,8%, 19,2% e 14,8%, respectivamente. Em 2003, a participação do Estado nessa cifra era de 14,7%, configurando-se uma perda de participação, enquanto o Paraná, que detinha 14,7% do total à época, aumentou sua fatia. Juntamente com a perda de participação na produção nacional, caiu a fatia gaúcha no total exportado: de 27,7% em 2003, para 21,5% em 2008. Paraná e Santa Catarina dividem o *status* de maiores exportadores, com fatias em torno de 26,6%.

O principal mercado do frango brasileiro no exterior é o Oriente Médio. Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Kuwait, os três principais importadores, representaram 43% das exportações em 2008, e 47% em 2009. A tendência para os próximos anos é de que o bloco aumente sua importância, juntamente com o norte da África. Esses dois mercados possuem, em conjunto, cerca de 500 milhões de consumidores, e as empresas brasileiras estão bem posicionadas na região devido ao longo relacionamento com a cultura local, baseada em fortes preceitos religiosos.

Na direção oposta está a Europa. Apesar de contar com um amplo mercado, com cerca de 500 milhões de consumidores, e de alto poder aquisitivo, a região ainda sofre os efeitos da crise internacional e apresenta baixas expectativas de crescimento. Configura-se, assim, um deslocamento do eixo de negócios para as exportadoras de frango, mais voltado para economias emergentes e em desenvolvimento.

Outro mercado potencial é o chinês. A China apresenta baixo índice de consumo de carne de frango *per capita*, mas foi o mercado que mais cresceu entre 2003 e 2008, na casa dos 20% ao ano. Esse crescimento não foi capturado pelos exportadores brasileiros, visto que o mercado chinês só se abriu para o frango nacional no fim de 2009.

Ainda no segmento de carnes, as exportações gaúchas de suínos merecem destaque no período. Entre 2003 e 2008, não só o setor ganhou considerável participação na pauta do Estado, como consolidou o Rio Grande do Sul como o maior exportador brasileiro. A participação da carne suína, fresca, refrigerada ou congelada, nas exportações gaúchas cresceu de 1,5%, em 2003, para 3,7%, em 2008. Paralelamente, a participação do suíno gaúcho nas exportações brasileiras do setor subiu de 24% para 50% no período.

No que diz respeito à carne bovina, não se observa grande alteração do panorama no Estado. A participação do segmento na pauta de exportações do Rio Grande do Sul subiu de 0,4%, em 2003, para 0,6%, em 2008, mantendo patamar pouco significativo. Quanto à participação das exportações gaúchas do segmento sobre o total nacional, observa-se a manutenção do nível em torno de 2,5%.

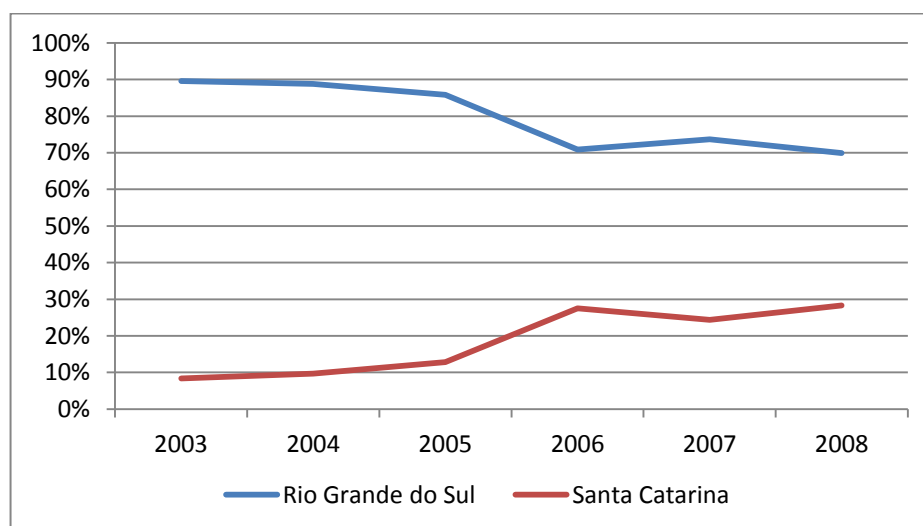
As exportações gaúchas de suínos e bovinos tiveram a Europa Oriental como principal bloco de destino em 2008, correspondendo a 80% do total, seguido da Ásia, com 8,6%. A penetração dos suínos e bovinos gaúchos nesses blocos, compostos por países emergentes e em desenvolvimento, ainda com baixos índices de consumo *per capita* e projeções de crescimento econômico superior, traz boas perspectivas para o aumento da demanda nos próximos anos.

Outro produto agropecuário com forte presença na pauta de exportações do Rio Grande do Sul é o tabaco/fumo. Dados da *International Tobacco Growers' Association* (ITGA) apontam o Brasil como o segundo maior produtor e o maior exportador mundial de fumo, tendo exportado mais de 680 mil toneladas em 2008, com a Índia, segunda no mercado, exportando pouco mais de um terço desse montante.

Em 2008, o Rio Grande do Sul respondeu por metade da produção nacional e por 70% das exportações do produto. De fato, o fumo não-manufaturado é um dos principais produtos da pauta de exportações do Rio Grande do Sul, com participação de 10% sobre o total exportado pelo Estado em 2008. No período 2003-2008, essa participação sofreu leve redução, de 11,7% para 10,2%.

As cifras gaúchas no setor impressionam, mas, levando-se em conta que as exportações de fumo do Rio Grande do Sul representaram 90% do total exportado pelo Brasil em 2003, constata-se uma preocupante perda de participação do Estado na pauta nacional. Essa perda é contraposta pelo avanço de estados como Santa Catarina, cuja participação subiu de 8,5%, em 2003, para mais de 28%, em 2008.

Gráfico 10 – Participação nas Exportações Brasileiras de Tabaco: 2003-2008



Fonte: Secex/MDIC.

Conforme relatório do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (DESER), o crescimento recentemente observado na produção e nas exportações brasileiras de tabaco deveu-se, principalmente, à queda na produção de importantes concorrentes, como Estados Unidos, União Europeia, Turquia e Zimbábue. Entretanto, o cenário a ser projetado para o setor não é promissor, visto que o consumo mundial de tabaco vem diminuindo, principalmente nos países desenvolvidos. A demanda mundial só não apresentou forte queda devido ao aumento do consumo na China, que deu um salto a partir de 2000. Serve de alento para os produtores do Estado a possibilidade de a alta qualidade do fumo aqui produzido sustentar a presença do produto gaúcho junto a mercados mais resistentes.

Entrando nos produtos manufaturados intensivos em economias de escala, o próximo segmento da pauta de exportações do Rio Grande do Sul a ser analisado é o petroquímico, com destaque para plásticos. Com a implantação do polo de Triunfo, em 1982, o Estado tornou-se um dos principais produtores de resinas termoplásticas (polietileno, polipropileno e PVC) do País, sendo atualmente o principal exportador.

As exportações de resinas do Rio Grande do Sul responderam por 48% das exportações brasileiras do segmento em 2003 e por 44% desse montante em 2008, caracterizando-se uma leve perda de participação. Dentro da pauta total gaúcha, as resinas termoplásticas mantiveram, no início e no fim do período, participação em torno de 9%.

O principal destino do produto gaúcho no exterior é o bloco formado por América Latina e Caribe, que absorveu 69% das exportações em 2008. O segundo destino foi a União Europeia, com 21% desse total.

Nos últimos anos, o setor petroquímico brasileiro passou por um processo de consolidação, sendo a totalidade dos ativos do setor no Rio Grande do Sul adquirida pela baiana Braskem. No mês de setembro de 2010, a empresa inaugurou no polo gaúcho uma unidade que permitirá a produção do chamado “polietileno verde”, resina termoplástica elaborada a partir da cana-de-açúcar, ecologicamente mais correta que a capacidade atual, baseada na nafta do petróleo. A produção da unidade, em torno de 200 mil toneladas/ano, é relativamente pequena se comparada à capacidade total de resinas do polo, que gira em torno de 1,9 milhão de toneladas/ano. Entretanto, o crescente apelo ambiental poderá servir de incentivo a futuros aumentos de capacidade e ganhos de participação nos mercados desenvolvidos, que apresentam níveis de consumo *per capita* de resinas termoplásticas marcadamente superiores.

O consumo de resinas termoplásticas no Brasil cresceu em torno de 5,4% ao ano entre 1993 e 2009, mas ainda se encontra bem abaixo do observado nos países desenvolvidos. Uma vez que os efeitos da crise internacional de 2008/2009 devem frear o crescimento dos blocos desenvolvidos nos próximos anos, espera-se um maior direcionamento da produção petroquímica para o mercado interno, em que os preços obtidos pelos produtores dessas *commodities* são mais elevados.

O destaque positivo da pauta de exportações do Rio Grande do Sul no período analisado fica por conta do petróleo e seus derivados combustíveis. A participação do segmento não chegava a 0,2% do valor exportado em dólares no ano de 2003. Já em 2008, 3,7% do total exportado pelo Estado era representado por esses produtos.

A participação de óleos e combustíveis minerais na pauta do Rio Grande do Sul caminhou paralelamente à participação do Estado nas exportações nacionais desses produtos. Em 2003, o Rio Grande do Sul representou em torno de 0,3% da pauta brasileira do segmento, enquanto que, em 2008, já respondia por 3,6%.

O crescimento observado pode ser atribuído ao aumento do preço do petróleo no mercado internacional e às ampliações feitas na Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP), integrante do Sistema Petrobras. Entre 2001 e 2006, a capacidade de processamento de petróleo da refinaria foi ampliada de 20 mil para 30 mil m<sup>3</sup>/dia, consolidando-se como a quinta maior refinaria do Sistema Petrobras.

Os principais mercados da REFAP no exterior são os países do Cone Sul, como Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia, importadores de diesel, e também o Caribe, que recebe gasolina. Segundo informações da própria empresa, a refinaria está trabalhando para atender ao crescimento da demanda no exterior após a finalização da ampliação, com produtos customizados para os diferentes mercados.

Um dos segmentos com maior representação na pauta de exportações do Rio Grande do Sul é o metal-mecânico. Entre 2003 e 2008, a participação do setor na pauta gaúcha apresentou leve queda, de 14,2% para 13,6%. Na mesma direção vai a participação da indústria metal-mecânica do Estado nas exportações nacionais do setor: no período em questão, cai de 9,7% para 9,1%.

Devido à complexidade e à amplitude do segmento metal-mecânico, cabem algumas considerações acerca da metodologia aplicada na obtenção dos números utilizados na análise. Foram considerados os seguintes capítulos da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM):

- 84 – Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes;
- 86 – Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluídos os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação;
- 87 – Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.

Dentro da infinidade de produtos que compõem esses três capítulos, merecem destaque: tratores; carrocerias de ônibus; colheitadeiras; partes e acessórios para tratores e automóveis; reboques e semirreboques para transporte de mercadorias; autopeças.

O principal mercado para a indústria metal-mecânica gaúcha no exterior, em 2008, foi América Latina e Caribe, com 66% do valor exportado. A África deteve 12% das exportações gaúchas, enquanto que, ao bloco formado pelos países desenvolvidos, destinou-se 15% do total exportado. Com relação a 2003, percebe-se um aumento na participação de América Latina e Caribe, que era então de 54%, bem como da África, que era de 7%. Por sua vez, a participação dos países desenvolvidos, de 32% em 2003, reduziu-se fortemente, inclusive com queda no valor exportado em dólares.

Fato negativo para as exportações do Estado é o de que grandes empresas do setor estão internacionalizando a produção, buscando abastecer mercados através de unidades no exterior. É o caso da Marcopolo, líder no mercado brasileiro de ônibus. Fundada em Caxias do Sul, em 1949, a empresa já possui unidades produtivas na África do Sul, Argentina, China, Colômbia, Egito, Índia e México, e concentra no exterior 3.000 dos seus 13.600 colaboradores.

Além das unidades que se instalam em outros países, o Rio Grande do Sul vem perdendo oportunidades para outros estados brasileiros. Em 2008, a General Motors anunciou a instalação de uma nova fábrica de motores e componentes automotivos na cidade catarinense de Joinville. Uma vez inaugurada, em 2012, a unidade abastecerá as plantas de Gravataí-RS e Rosário-Argentina.

Traçadas as trajetórias recentes dos setores mais representativos da pauta de exportações do Rio Grande do Sul, bem como suas perspectivas e potenciais para os próximos anos, pôde-se observar uma série de alterações no que diz respeito ao dinamismo e à competitividade dos mesmos. Essas alterações incluem a perda de participação de setores historicamente importantes para o Estado, como o calçadista, bem como a ascensão de segmentos não representativos em períodos anteriores, como o de combustíveis.

Tabela 2 – Participação dos Principais Setores Exportadores: 2003 e 2008

SEGMENTO	2003		2008	
	% RS <sup>1</sup>	RS/BR <sup>2</sup>	% RS	RS/BR
Calçados	14,8	74,1	6,6	59,4
Móveis	2,0	28,3	1,4	33,7
Complexo Soja	13,7	19,9	12,5	16,8
Frango	5,9	27,7	6,8	21,5
Suíno	1,5	23,6	3,7	50,0
Fumo	11,7	89,5	10,2	69,9
Resinas plásticas	9,2	47,7	9,1	43,9
Combustíveis	0,15	0,3	3,7	3,6
Metal-Mecânico	14,2	9,7	13,6	9,1

<sup>1</sup> Participação do setor na pauta do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Participação do Rio Grande do Sul nas exportações nacionais do setor.

Fonte: Secex/MDIC.

Outro fato a ser ressaltado diz respeito ao grau de diversificação das exportações do Rio Grande do Sul. No período estudado, o Estado não conseguiu diversificar sua pauta, mantendo-se a concentração em poucos setores, embora com alterações entre os mesmos. O fato não se revela tão negativo quando levado em conta que o Brasil não só não conseguiu diversificar sua pauta, como aumentou a concentração da mesma. A análise feita a partir da participação das 21 seções da NCM nas exportações brasileiras e gaúchas mostra que, enquanto o desvio-padrão das participações percentuais na pauta gaúcha permaneceu praticamente inalterado no período 2003-2008, com leve queda de 5,1% para 5,0%, o desvio-padrão das participações das 21 seções na pauta brasileira apresentou crescimento de 4,3% para 5,2% no mesmo período.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÃO E INVESTIMENTOS. 2010. Disponível em: <[www.apexbrasil.com.br](http://www.apexbrasil.com.br)>
- ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO. Gazeta. 2009.
- ANUÁRIO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA BRASILEIRA. ANFAVEA. 2010.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS. 2010. Disponível em: <[www.abicalcados.com.br](http://www.abicalcados.com.br)>
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. 2010. Disponível em: [www.afubra.com.br](http://www.afubra.com.br)
- ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MÓVEIS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. 2010. Disponível em: <[www.movergs.com.br](http://www.movergs.com.br)>
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. 2010. Disponível em: <[www.bcb.gov.br](http://www.bcb.gov.br)>
- BONATO, Amadeu A. **Fumo: A Fumicultura e a Convenção-Quadro Desafios para a Diversificação.** Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Curitiba, 2010.
- BRASKEM. 2010. Disponível em: <[www.braskem.com.br](http://www.braskem.com.br)>.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. 2010. Disponível em: <[www.fiergs.org.br](http://www.fiergs.org.br)>
- FMI. **World Economic Outlook.** 2010. Disponível em: <[www.imf.org](http://www.imf.org)>
- GARCIA, Álvaro A. As mudanças na pauta exportadora gaúcha entre 1989 e 2008. **Indicadores Econômicos FEE.** Porto Alegre, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa da Pecuária Municipal 2008. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>
- INFORME BB. Comércio Exterior. Edição 81, ano 18. 2010.
- INTERNATIONAL TOBACCO GROWERS' ASSOCIATION. 2010. Disponível em: <[www.tobaccoleaf.org](http://www.tobaccoleaf.org)>
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. AliceWeb. 2010. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>>
- ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT. DIRECTORATE FOR SCIENCE, TECHNOLOGY AND INDUSTRY. **STAN Indicators.** 2003. Disponível em: <[www.oecd.org](http://www.oecd.org)>
- REFINARIA ALBERTO PASQUALINI. 2010. Disponível em: <[www.refap.com.br](http://www.refap.com.br)>.
- VALOR ESTADOS – Rio Grande do Sul. Valor Econômico, maio, 2010.